

Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (2): variáveis e invariantes

Francis Henrik Aubert

Professor Titular da Universidade de São Paulo (USP)

Adriana Zavaglia

Pós-doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP)/Fapesp.

■ Resumo

Com base em três trechos retirados de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, e de *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e suas respectivas traduções para o francês, o inglês, o italiano e o norueguês, este estudo observa a tradução de textos literários culturalmente marcados, enfatizando a correlação entre a ocorrência de determinadas modalidades de tradução (AUBERT, 1998) e as operações de linguagem (CULIOLI, 2000), conforme marcadas pelas unidades lingüísticas. A despeito das distâncias lingüísticas e culturais, identifica-se um mecanismo regular e estável que confirma ser a tradução uma operação parafrástica intertextual, exigindo diferentes estratégias no nível das línguas naturais em questão e, ao mesmo tempo, assegurando a equivalência tradutória por meio de um procedimento regulatório no nível da linguagem.

Palavras-chave: Modalidades de tradução. Metalinguagem. Linguagem. Línguas naturais. Literatura brasileira.

■ Abstract

Based on three excerpts from *Sagarana*, by Guimarães Rosa, and from *Macunaíma*, by Mário de Andrade, and their respective translations into English, French, Italian and Norwegian, this study focuses on the

translation of culturally marked literary texts, stressing the correlation between the occurrence of specific translation modalities (AUBERT, 1998) and the language operations (CULIOLI, 2000) as marked by the linguistic units. Despite linguistic and cultural distances, a regular and stable mechanism is identified, confirming translation as a paraphrastic intertextual operation, which calls for different strategies at the level of the natural languages involved, while ensuring translational equivalence by means of a regulating procedure at the level of language proper.

Key-words: Translation modalities, Metalinguage. Language. Natural languages. Brazilian literature.

■ Introdução

No campo dos estudos da tradução, quer adotemos uma abordagem com ênfase na teoria ou optemos pelo viés da prática, a reflexão resultante mostra-se necessariamente interdisciplinar. Em qualquer recorte que queiramos efetuar comparecem, concomitantemente, a linguagem,¹ as diversas línguas e culturas envolvidas, o idioleto do tradutor, a singularidade do autor, a subjetividade do pesquisador, a história, as próprias condições de produção do texto original, do texto traduzido e, finalmente, a fortuna crítica do texto traduzido. Por serem multifacetados, os objetos que

compõem esse campo de estudo podem ser observados à luz de variados enfoques — o filosófico, o psicanalítico, o antropológico, o lingüístico, o literário, o sócio-histórico, entre outros. Qualquer análise isolada, em uma única vertente ou matriz teórico-referencial, mostra-se, a mais das vezes, insuficiente para traçar, descritiva e/ou explicativamente, um retrato verossímil do fazer tradutório e dos produtos desse fazer.

Como desdobramento de pesquisa anteriormente realizada sobre traduções de textos literários brasileiros para o francês e o norueguês (cf. AUBERT e ZAVAGLIA, 2003; ZAVAGLIA, 2004), este trabalho tem como objeto abordar a relação entre linguagem, línguas e cultura pela observação da tradução de termos culturalmente marcados do português para o norueguês, o francês, o inglês e o italiano, adotando, como duplo pano de fundo, uma abordagem lingüística, a Teoria das Operações Enunciativas, de Antoine Culioli (2000, 1999a, 1999b), e outra tradutológica, as Modalidades de Tradução, de Francis Aubert (1998).

Para alcançar esse objetivo, mantivemos os três trechos extraídos por amostragem de duas obras literárias brasileiras - *Sagarana*, de Guimarães Rosa, e *Macunaíma*, de Mário de Andrade - e suas respectivas traduções para o francês, já analisadas em Zavaglia (2004), acrescentando, para comparação e análise, as traduções desses mesmos trechos para o norueguês, o inglês e o italiano. Escolhemos esses fragmentos por duas razões principais: a primeira delas concerne ao caráter marcadamente cultural dos termos presentes nos textos; a outra, a sua especificidade organizacional. Tais características oferecem, de um lado, a possibilidade de lidar com a variação à luz da suposta dificuldade decorrente do ato de traduzir termos que remetam a uma referencialidade mais restrita; de outro, a oportunidade de buscar invariantes processuais de linguagem no tratamento dado à organização lingüística de trechos distintos em traduções realizadas em quatro línguas diferentes, testando, assim, o alcance das análises efetuadas em Aubert e Zavaglia (2003) e em Zavaglia (2004).

■ Observações preliminares

Antes de passar à observação dos aspectos relacionados aos termos em destaque no contexto da tradução, cabe considerar cada um dos três trechos escolhidos apenas no contexto das obras em português.

Para tal, considerem-se os trechos abaixo:

Sagarana
Boiada boa!... Galhudos, gaiolos, estrelos, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... (ROSA, 1968, p. 50)
Macunaíma A
Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piracanjuba veio aviú guarijuba, piramutaba mandi surubim, todos esses peixes. (ANDRADE, 1978, p.194)
Macunaíma B
E eram muitos mosquitos, piuns maruins arurus tatuquiras muriçocas meruanhas mariguís borrachudos varejas, toda essa mosquitada. (ANDRADE, 1978, p. 18)

No caso de *Sagarana*, as palavras que denominam *bois* fazem parte do discurso dos vaqueiros em geral, com realce para os usos lingüísticos do sertão mineiro; em *Macunaíma*, alguns termos que designam *mosquitos* e *peixes* são de alcance nacional, outros são mais restritos ao universo da floresta equatorial úmida ou do sertão brasileiros. Desse modo, os trechos analisados contêm palavras que, por serem culturalmente marcadas, demandam do tradutor o uso de estratégias lingüísticas que dêem conta da diversidade cultural. *A priori*, as estratégias preferenciais tenderão a ser o empréstimo, a adaptação, o decalque e a explicitação, esta isoladamente ou em combinação com outras modalidades.

Nos trechos em questão, notamos, em primeiro lugar, uma remissão prévia a um conjunto de elementos e, em seguida, aos elementos desse conjunto. Em *Sagarana*, tal organização marca-se pela remissão à propriedade comum dos elementos do conjunto (termo coletivo: *boiada*), seguida da diferenciação dos elementos por subpropriedades e pelo *-s* final (*galhudos, gaiolos, estrelos...*). No primeiro trecho de *Macunaíma*, por sua vez, introduz-se a propriedade comum pelo plural (*peixes*) e as específicas por um localizador espaço-temporal (*veio*), que, posteriormente omitido, aparece anteposto à diferenciação dos elementos desse conjunto (*veio acará veio piracanjuba veio aviú*); diferentemente do segmento de *Sagarana*, os termos vêm expressos no singular, indicando que os elementos dos subgrupos são referenciados em bloco, como

subcoletivos, e não de forma individualizada. No segundo trecho de *Macunaíma*, tanto a propriedade comum quanto as subpropriedades são marcadas pelo plural (*mosquitos e piuns, maruins, arurus, tatuquiras...*). Em todos os trechos há, portanto, uma enumeração, a qual indica, por meio de expedientes lingüísticos diversos, que: a) os termos remetem a propriedades compartilhadas; e b) cada um dos termos remete a propriedades que os distinguem uns dos outros.²

Para ilustrar o raciocínio acima utilizando uma metalinguagem (cf. CULIOLI, 2000), tomemos os termos *galhudos* e *gaiolos* e denominemos a propriedade <ser-galhudo> de P, a propriedade <ser-gaiolo> de P', o grupo dos *galhudos* de $p_i, p_j \dots p_n$ e o grupo dos *gaiolos* de $p'_i, p'_j \dots p'_n$. Em seguida, formalizemos metalingüisticamente a organização nocional de P com relação a P' por operações quantitativas e qualitativas no contexto em questão:

Se $p_i, p_j \dots p_n$ identificam-se com P, então p tem algo em comum com p.

Se $p'_i, p'_j \dots p'_n$ identificam-se com P', então p' tem algo em comum com p'.

Se P é diferente de P', então $p_i, p_j \dots p_n$ diferenciam-se de $p'_i, p'_j \dots p'_n$.

Esse raciocínio parece reconstituir uma operação básica de linguagem que denominaremos *diferenciação qualitativa*. Essa operação pressupõe uma quantificação de P (P é desmembrado em ocorrências discretas: $p_i, p_j \dots p_n$) e de P' (P' é desmembrado em ocorrências discretas: $p'_i, p'_j \dots p'_n$) e sua confrontação qualitativa (se P é diferente de P', então $p_i, p_j \dots p_n$ são diferentes de $p'_i, p'_j \dots p'_n$). Veremos, adiante, que essa operação estará também presente nas organizações dos outros trechos em português. Guardemos essa escritura para, no próximo item, observar como se dá a relação da organização referencial entre os elementos em destaque em cada uma das línguas de tradução.

■ Traduções do segmento extraído de *Sagarana*

Considerem-se as seguintes seqüências textuais:

Sagarana	
<p>- Boiada boa!...</p> <p>Galhudos, gaiolos, estrelas, espácios, combucos, cubetos, lobunos, lompardos, caldeiros, cambraias, chamurros, churriados, corombos, cornetos, bocalvos, borralhos, chumbados, chitados, vareiros, silveiros... (ROSA, 1968, p. 50)</p>	
<p>- Sånn en fin bøling ... L a n g h o r n e d e , k r u m h o r n e d e , s t j e r n e p a n n e d e , l y r e h o r n e d e , h a n k h o r n e d e , u l v e g r å , s v a r t r y g g e d e , k r y s s h o r n e d e , k r i t t h v i t e , h a l v g j e l d e d e , s t r i p e d e , h o r n b r u d n e , e n h o r n e d e , h v i t m u l e d e , a s k e g r å , s v a r t b o t e d e , r ø d h v i t s t r i p e d e , h v i t r o s e s v a r t e ...</p>	<p>(ROSA, 1998, p. 120) “A fine herd like that.” Longhorns, shorthorns, lyre-horned, crumple-horned, light duns, orange duns, tiger-striped, saffron-hued, claybanks, white-stockinged, lined, spotted, brindled... (ROSA, 1966, p. 20)</p>
<p>- È una mandria di razza!...</p> <p>Dalle corna ramificate o a mezzaluna o spalancate, tozze, a scimitarra, mozze, dritte, rigogliose, unicorni; stellati, grigiastri, daí fianchi scuri, candidi, rossi a strisce chiare, dal muso bianco, cenere, maculati di scuro, bianchi e marroni, giovenchi castrati... (ROSA, 1994, p. 29)</p>	<p>- Le beau troupeau!...</p> <p><i>Galhudos</i> longicornes - <i>gaiolos</i> cornes mi-lunes - <i>estrêlos</i> front taché - <i>espácios</i> cornes évasées - <i>combucos</i> cornes tombantes - <i>cubetos</i> cornes rentrantes - <i>lobunos</i> pelage louvet - <i>lompardos</i> échine foncée - <i>caldeiros</i> bas encornés - <i>cambraias</i> pelage tout blanc - <i>chamurros</i> châtres tardifs - <i>churriados</i> sombres rayés de blanc - <i>corombos</i> dagornes - <i>cornetos</i> unicornes - <i>bocalvos</i> mufles blancs - <i>borralhos</i> taureaux gris - <i>chumbados</i> taches noires sur blanc, rouge ou marron - <i>chitados</i> pelage blanc et rouge - <i>vareiros</i> corps allongé - <i>silveiros</i> sombres entre-cornes blanc... (ROSA, 1997, p. 38, grifos do tradutor)</p>

As traduções do trecho de *Sagarana* demonstram uma distribuição estratégica similar pela explicitação. Notam-se, no entanto, pequenas alterações. Com respeito à justaposição intertextual com relação ao norueguês, observa-se primeiramente uma diferença formal: em português enumeram-se vinte tipos de bois; em norueguês, dezoito, num total de 90% de explicitações contra 10% de omissões. A modalidade preponderante mostra-se pela especificação das subpropriedades e implicação da propriedade compartilhada; assim, *galhudos*, que em português remete a *bois de chifres compridos*, traduz-se por *langhornede*, retrotraduzido apenas por *de chifres compridos*. Além disso, os termos em norueguês apresentam-se pluralizados (*langhornet*, singular; *langhornede*, plural), o que marca uma quantificação. Fazendo referência a *bøling* (*boiada*), teremos metalingüisticamente o mesmo esquema que remete ao trecho em português:

$$P_{\text{langhornede}} \vee P_{\text{lyrehornede}} \cdots P_{\text{hvitroses var te}} = P_{\text{boling}}$$

A tradutora italiana procede a uma separação visível da remissão às subpropriedades pelo ponto e vírgula, agrupando as particularidades diferenciadoras dos bois quanto ao aspecto dos chifres (*a mezzaluna / em meia-lua*), da pelagem (*stellati / malhados*) e da reprodução (*giovenchi castrati / novilhos castrados*). Afora essa apresentação, a tradutora recorre a uma organização geral que tem como ponto de referência / *mandrial*, explicitando todas as ocorrências. Há, nesse caso, 100% de explicitações. Tal estratégia poderia ser reescrita da mesma maneira que o foi a do português e a do norueguês:

$$P_{\text{dallecorneramificate}} \vee P_{\text{mezzaluna}} \cdots P_{\text{spalancate}} = P_{\text{mandria}}$$

À semelhança dos demais, a tradutora norte-americana também optou por utilizar a estratégia da *explicitação*. Verificamos, no entanto, que em inglês aparecem apenas treze termos, dos quais 65% são explicitações e 35%, omissões,³ que não comprometem, a nosso ver, assim como na versão norueguesa, a tradução desse trecho específico: ao fazer referência a *herd* (*manada, rebanho*), ou seja, à propriedade comum, a tradutora procede tanto à quantificação, pluralizando os marcadores, quanto à diferenciação, uma vez que as subpropriedades dos bois são especificadas. Podemos reescrever o processo assim:

$$P_{\text{longhorns}} \vee P_{\text{shorthorns}} \cdots P_{\text{brindled}} = P_{\text{herd}}$$

Já na tradução para o francês (cf. ZAVAGLIA, 2004), os empréstimos (90% das ocorrências) e os decalques (10% das ocorrências com *gaiolos* e *cambraias*) vêm seguidos de explicitações. Nesse caso, o recurso ao hibridismo é esclarecedor, pois apresenta um rastro empírico das operações de quantificação e qualificação acima explanadas sobre o trecho em português e as outras três línguas: por um lado, os empréstimos ou os decalques representam a construção quantitativa de ocorrências que compartilham as mesmas propriedades; por outro, as explicitações marcam uma diferenciação qualitativa entre duas ou mais classes de ocorrências que se distinguem entre si. Desse modo, a propriedade que distingue os *galhudos* dos outros tipos de bois é *longicorne*; a que distingue os *gaiolos* é *corne mi-lune*; e assim por diante. Ao mesmo tempo, o que identifica *galhudos longicornes* com *gaiolos cornes mi-lunes* é a propriedade à qual *troupeau* remete. Desse modo, como nos esquemas das demais traduções, temos:

$$P_{\text{galhudolongicornes}} \vee P_{\text{gaioloscornesmi-lunes}} \cdots P_{\text{estrélosfrontaché}} = P_{\text{troupeau}}$$

■ Traduções do primeiro segmento extraído de *Macunaíma*

Considerem-se os seguintes trechos:

Macunaíma A	
Isso vieram muitos peixes, veio acará veio piraicanjuba veio aviú guarijuba, piramutaba mandi surubim, todos esses peixes. (ANDRADE, 1978, p. 194)	
Han fikk fisk i fleng, acará og piraicanjuba, aviú og guarijuba, piramutaba og mandi og surubim, en uhorvelig mengde fisk. (ANDRADE, 1997, p. 164)	Lots of fish came, the mudfish came, the morocot and the black ghost, the queriman, the cartaback and the delicious tiger catfish, all the skinfish and the scalefish came. (ANDRADE, 1984, p. 146)
E così cascarono giù molti pesce, vennero acarás vennero piraicanjuba vennero aviús, gurijibas, poramutabas, nandù surubins e molti altri pesci. (ANDRADE, 2002, p. 222-223)	Une marée déferla: acará piraicanjoubá aviou gouarijoubá piramoutaba mandi souroubim, bref du poisson à foison. (ANDRADE, 1996, p. 198)

Nas traduções do primeiro trecho de *Macunaíma*, percebe-se que, em norueguês, há apenas empréstimos; em francês, empréstimos e decalques, sem explicitações;⁴ em italiano, empréstimos pluralizados e decalques; em inglês, adaptações.

Com exceção da tradução do localizador *veio*, que se transforma, a estratégia utilizada pelo autor do texto original é mantida pelo tradutor norueguês por meio do uso de vocábulos singularizados. O tradutor empresta 100% dos vocábulos, conectando-os por vírgula ou pelo marcador *og* (*e*). Se, por um lado, o vocábulo singularizado marca preponderantemente uma operação qualitativa, a introdução de *og* reforça o lado quantitativo da operação explicitado no texto em português pelo *-s* de *peixes* e transposto em norueguês para *i fleng* (*a rodo*), que também traduz *muitos*. Em escritura metalingüística, obtemos:

$$P_{acar\acute{a}} / P_{piracanjuba} \cdots P_{surubim} = P$$

Esse esquema organizacional repete-se na tradução francesa, mesmo que sua apresentação seja ligeiramente distinta. Ao passo que em norueguês há marcadores que reforçam a conexão entre os termos, em francês – como no original – a pontuação é suprimida com o auxílio dos dois pontos. Além disso, em vez dos empréstimos (28,57%), aparecem, majoritariamente (71,43%), decalques. Temos, então, o mesmo esquema:

$$P_{acar\acute{a}} / P_{piracanjouba} \cdots P_{souroubim} = P$$

Seguindo nessa mesma linha, a tradutora italiana empresta alguns vocábulos e decalca outros. No total das ocorrências analisadas, temos 57,14% de empréstimos e 42,86% de decalques. A tradutora recorre, à maneira do original, à introdução de um localizador (*vennero*) que, em seguida, é implicitado. Logo após, faz uso das vírgulas e, finalmente, procede à supressão da pontuação. Esse procedimento sugere, de forma sutil, uma escala no nível de quantificação e qualificação dos elementos: eles são mais quantificados e menos qualificados com a presença do localizador e menos quantificados e mais qualificados no final, sem as vírgulas e sem o localizador. Todas essas “maneiras de dizer”, entretanto, são variantes de uma mesma organização nocional. Note-se, ainda, que os vocábulos aparecem pluralizados, não de acordo com as regras do italiano, mas sim com as do português. Mais uma vez, temos:

$$P_{acar\acute{a}s} / P_{piracanjubas} \cdots P_{surubins} = P$$

A tradutora do inglês adotou a estratégia da adaptação (85,72%) ao lado da omissão (14,28%),⁵ utilizando o singular antecedido por um especificador (*the*). A introdução do primeiro tipo de peixe, *mudfish*, tipicamente norte-americano (*âmia*, em português), aparece em forma da proposição *the mudfish came*, cujo relator, *came*, é implicitado na seqüência introdutória dos outros vocábulos e reaparece no final da enumeração. Esse procedimento, tal como vimos anteriormente com relação a *og* em norueguês, reforça o aspecto quantitativo-qualitativo da enumeração. Novamente, a omissão não compromete a tradução, uma vez que o esquema organizacional se mantém:

$$P_{mudfish} / P_{moro\ cot} \cdots P_{tiger\ catfish} = P$$

■ Traduções do segundo segmento extraído de *Macunaíma*

Considerem-se os seguintes segmentos textuais:

Macunaíma B	
E eram muitos mosquitos, piuns maruins arurus tatuquiras muriçocas meruanhas mariguís borrachudos varejas, toda essa mosquitada. (ANDRADE, 1978, p. 18)	
Det var styggelig mye myggeder, alskens blodtørstige beist, piun og maruin og aruru og tatuquira, muriçoca, meruanha, marigui og borrachudo, vareja og hutte meg tu! (ANDRADE, 1997, p. 14)	There were millions of mosquitoes large and small, gnats, biting flies, midges, blackflies, sandflies, gadflies, horseflies, bluebottles, blowflies, cockchafers, bugs, ladybirds, pismires and clegs; every kind of stinging and biting insect you can think of. (ANDRADE, 1984, p. 9)
E c'era un subisso di zanzare piuns, maruins, arurus, tatuquiras, muriçocas, meruanhas, mariguís, borrachudos, varejas, tutto uno zanzario. (ANDRADE, 2002, p. 25)	Et il y avait de quoi faire avec ces myriades de moustiques velus goulus ventrus poilus pointus mafflus pansus dodus joufflus, bref toute cette mousticaille! (ANDRADE, 1996, p. 30)

As traduções do segundo trecho de *Macunaíma* demonstram maior diversidade de estratégias: em norueguês, aparece o empréstimo singularizado com conector (*og*); em francês, a adaptação; em italiano, empréstimos e decalques; em inglês, as modalidades se distribuem irregularmente em adaptações e erros.

Na tradução norueguesa, os vocábulos foram

todos emprestados (100%) e singularizados de acordo com as regras do português. Antes da enumeração dos termos, entretanto, o tradutor desmembra os aspectos quantitativo e qualitativo de *muitos mosquitos*: esse sintagma, pluralizado em português, funde o aspecto quantitativo (*muitos* como *grande quantidade de*) e o aspecto qualitativo (*muitos* como *vários tipos de*). Em norueguês, ele aparece explicitamente desmembrado em duas seqüências: *muitos mosquitos* (grande quantidade de mosquito) em *Det var styggelig mye mygg der e muitos mosquitos* (vários tipos de mosquito) em *alskens blodtørstige beist*.⁶ Tendo feito isso antes da enumeração propriamente dita, o tradutor pôde implicar a quantificação (marcada pelo *-s* em português) e sublinhar a qualificação pelo recurso ao empréstimo singularizado, o que poderia ser reescrito metalingüisticamente como segue:

$$P_{piun} / P_{maruin} \dots P_{varēja} = P$$

A tradução para o francês suprime a referência explícita à cultura brasileira por meio de empréstimos, decalques ou explicitações. Pela estratégia da adaptação (100%), o tradutor enumera características ou qualidades possíveis de insetos, sem se preocupar com a coerência ou congruência entre os dois universos lingüístico-culturais. Além da operação de construção de ocorrências pela introdução do *-s*, enfatiza a operação de diferenciação qualitativa: *piuns*, tipo específico de mosquito, traduz-se por *velus* (*aveludados, peludos*); *maruins* por *goulus* (*gulosos, gordinhos; apressados*) etc. Tal estratégia constrói por um caminho diferente a mesma operação de diferenciação qualitativa já estudada:

$$P_{velus} / P_{goulus} \dots P_{joufflus} = P_{moustique}$$

A estratégia da tradutora italiana demonstra, de um lado, parcial conformidade com a do tradutor norueguês quanto ao aspecto da pontuação, uma vez que os diversos tipos de mosquitos são enumerados pelo recurso à vírgula, e de outro com o tradutor francês, pois conserva os elementos no plural, mesmo que tenham sido aqui decalcados (44,45% dos casos) ou emprestados (55,55% das ocorrências).

Superficialmente diversas, todas as três estratégias remetem a um mesmo mecanismo organizacional, que, para o trecho italiano, exprime-se como:

$$P_{piuns} / P_{maruins} \dots P_{varéjas} = P$$

A estratégia da tradutora norte-americana é, em princípio, semelhante à do francês: ela inicia sua tradução do trecho indicando diferenças apresentadas pelos mosquitos pelos vocábulos *large* e *small*. Em seguida, porém, a tradutora subverte essa estratégia e passa a adaptar a seqüência utilizando termos que se referem a tipos distintos, não somente de mosquitos (que remetem quase automaticamente à idéia incômoda da picada, do zumbido etc.), mas de insetos em geral. Nessa lógica, são incluídos besouros, joaninhas e até mesmo formigas. Um outro aspecto a ser observado nessa tradução concerne à diferença do número de elementos enumerados em português e em inglês: ao passo que no original há nove vocábulos, em inglês há dezesseis. Além disso, nota-se uma incongruência semântica intratextual: termos como *ladybirds*, *bluebottles*, *blowflies* etc. não remetem a *mosquitoes*. Desse modo, parte das escolhas feitas pela tradutora configura-se como erro (do total, temos 43,75% de erros e 56,25% de adaptações). O esquema metalingüístico exprime-se, nesse caso, como segue:

$$\text{Sejam } P_{large} / P_{large} \dots P_{large} = P_{ser-large} \text{ e } P'_{ladybirds} /$$

$$P'_{ladybirds} \dots P'_{ladybirds} = P'_{ser-ladybird} \text{ e } R_{mosquitoes} = \langle \text{ser-mosquito} \rangle.$$

$$\text{Se } P = R \text{ e } P' \neq R, \text{ então } P_{,j} \dots P_n / P'_i / P'_j \dots P'_n$$

A escrita seria, portanto, validada com relação a R apenas nos casos dos termos que se identificam com R ($R_{mosquitoes} = \langle \text{ser-mosquito} \rangle$), ou seja:

$$P_{large} / P_{small} / P_{gnats} / P_{bitingflies} / P_{sandflies} / P_{gadflies} / P_{horseflies} / P_{midges} / P_{clegs} = P_{mosquitoes}$$

Por outro lado, os termos que não se identificam com R não validariam a escrita anterior, apenas a seguinte, que é radicalmente diferente e confirma a classificação dessas ocorrências na modalidade erro:

$$P'_{blackflies} / P'_{bluebottles} / P'_{blowflies} / P'_{cockchafers} / P'_{bugs} / P'_{ladybirds} / P'_{pismires} \neq P$$

■ Considerações finais

O cotejo dos resultados metalingüísticos anteriormente colhidos não serve ao propósito de fornecer um cálculo dos valores semânticos passíveis de

serem desencadeados pelos termos analisados. Ao contrário, recorrendo à apresentação léxico-gramatical de cada um dos textos em cada uma das línguas estudadas, ele demonstra que, apesar da diferença superficial existente em cada um dos trechos em português e em cada uma de suas traduções para o norueguês, o francês, o italiano e o inglês, identificam-se marcas lingüísticas que remetem a uma mesma operação de linguagem em todos os segmentos aqui considerados, operação essa já detectada nos respectivos textos originais em português, a qual denominamos *diferenciação qualitativa*. Nesses termos, todos os trechos analisados podem ser sintetizados em uma mesma representação metalingüística, como segue:

$$\text{Sejam } / \epsilon / p_i, p_j \dots p_n = P$$

$$\text{e } / \epsilon / p'_i, p'_j \dots p'_n = P'$$

$$/ \epsilon / = \text{variável}^7$$

Se $P \neq P'$, então $/ \epsilon / p_i, p_j \dots p_n \neq / \epsilon / p'_i, p'_j \dots p'_n$

No plano da execução lexical, morfossintática e estilística, ou seja, na estrutura de superfície, as diferentes estratégias adotadas, distribuídas diversamente pelas modalidades tradutórias, revelam a presença criativa e, portanto, co-autoral dos tradutores e, concomitantemente, as especificidades e as restrições expressivas impostas pelas diferentes línguas e culturas envolvidas. Entretanto, independentemente das diferenças, distâncias ou proximidades dos pares de línguas/culturas envolvidos, detectou-se um invariante processual de linguagem por meio de um cálculo metalingüístico para cada um dos trechos analisados, tanto no original em português quanto nas quatro línguas de tradução.

Em outras palavras, a linguagem, como mecanismo cognitivo, permite a variância, a subjetividade, a interpretação, os mal-entendidos, o equívoco e a pluralidade semântica por sua característica espaço-temporal (ela sempre está contextualizada sócio-histórico-culturalmente) e intersubjetiva (a alteridade é a base de seus processos). A observação da textualização dos processos de linguagem pelas línguas permite-nos vislumbrá-la, reescrevendo, por uma metalinguagem, seus mecanismos invariantes, marcados diferentemente pelos textos nas diferentes línguas.

Pela conjunção de (a) a análise distribucional por

modalidades, que evidencia um contraste entre as diferentes estratégias de tradução, e de (b) a análise enunciativa, que identifica regularidades, o procedimento analítico aqui conduzido demonstra ser possível partir da diferença em direção a uma generalização, não por mera justaposição, mas por complementaridade. No nível das línguas e da significação, as regularidades se definem por tendências estatísticas, com correlações mais ou menos significativas em função das principais variáveis envolvidas: tipologia lingüística, tipologia textual-discursiva, condições de produção (vide, *inter alia*, AUBERT, 1998, e AUBERT, 2003). São regularidades de certo modo previsíveis, indicadoras de tendências comportamentais, que, se observadas apenas no circuito fechado do par de línguas (língua fonte/língua meta) envolvido em um ato tradutório específico, podem gerar a impressão de constituírem a chave para a equivalência.

No confronto com várias línguas-meta para um mesmo texto em língua-fonte, porém, a chave da equivalência revela-se, ao menos em parte, ilusória. A regularidade - ou, mais precisamente, a invariância - não se configura, de forma cabal, no plano das línguas e das significações, e sim no nível da linguagem: no caso presente, pela operação de diferenciação qualitativa. Assim, embora cada um dos textos - tanto os originais em português como suas traduções nos quatro idiomas aqui considerados - desencadeiem, para cada um de seus leitores, significações diferentes no plano da variação lingüístico-cultural, todos apresentam um mecanismo regular e estável no plano da linguagem, que se mostra invariável. Ao que parece, portanto, o plano das línguas e das significações constitui o espaço privilegiado da diversidade e da diversificação; contém e incorpora, por reflexo ou refração, elementos de invariância e de regularidade que derivam de um outro plano: o nível da linguagem. Tal constatação reforça a percepção da tradução como uma atividade parafrástica entre textos que envolve diferentes estratégias ou modalidades no nível das línguas e um processamento regulador de equivalência no plano da linguagem.

Agradecimentos: À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP (Proc.: 02/13435-0).

■ Referências

Andrade, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 16. ed. São Paulo: Martins, 1978.

_____. *Macunaíma*. Trad. Goodland E. A. Londres, Nova York: Quartet Books, Melbourne, 1984.

_____. *Macounaïma: le héros sans aucun caractère*. Trad. Jacques Thiériot. Paris: Stock, 1996.

_____. *Macunaíma: helten uten noen karakter*. Trad. Anne Elligers. Oslo: Bokvennen Forlag, 1997.

_____. *Macunaíma: l'eroe senza nessun carattere*. 5. ed. Trad. Giuliana Segre Giorgi. Milão: Adelphi, 2002.

Aubert, Francis Henrik. *As (in)fidelidades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

_____. Modalidades de tradução: teoria e resultados. *TradTerm*, v.5, p.99-128, 1998.

_____. Traduzindo as diferenças extra-lingüísticas – procedimentos e condicionantes. *TradTerm*, v.9, p.151-172, 2003.

_____; ZAVAGLIA, Adriana. Reflexos e refrações da alteridade na literatura brasileira traduzida (1): as versões de *Sagarana* para o francês e para o norueguês. *TradTerm*, v.9, p.173-188, 2003.

_____. Cultural markers in translated Brazilian literature. *Perspectives*, v.13 (1), p.38-47, 2005.

Culioli, Antoine. *Pour une linguistique de l'énonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, 1999a.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: domaine notionnel*. Paris: Ophrys, 1999b.

_____. *Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations*. 2. ed. rev. Paris: Ophrys, 2000.

Hjelmslev, Louis. *Omkring sprogteoriens grundlæggelse*. Copenhagen: Akademisk Forlag, 1943.
Rosa, Guimarães. *Sagarana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1968.

_____. *Sagarana*. Trad. Harriet de Onís. Nova York: Alfred A. Knopf, 1966.

_____. *Sagarana*. Trad. Silvia La Regina. Milão: Feltrinelli, 1994.

_____. *Sagarana*. Trad. Jacques Thiériot. Paris: Albin Michel, 1997.

_____. *Sagarana – noveller*. Trad. Bård Kranstad. Oslo: Gyldendal, 1998.

Vinay, Jean-Pierre; Darbelnet, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais: méthode de traduction*. 2. ed. Paris: Didier, 1977.

Zavaglia, Adriana. *Da invariância da linguagem à variância das línguas: contribuição para a elaboração de uma teoria enunciativa da tradução como um caso particular de paráfrase*. Tese. Doutorado. Universidade Estadual Paulista, 2002.

_____. *Lingüística, tradução e literatura: observando a transformação pela arte*. *Alfa*, 48 (1), p.99-117, 2004.

■ Notas

¹ A linguagem é uma atividade cognitiva de representação, referenciação e regulação que se processa no sujeito e pelo sujeito, e permite, na qualidade de processos invariantes, a variação em todos os níveis lingüísticos. Note-se que, nas relações intersubjetivas, o êxito nunca é dado de antemão, mas sim procurado num caminho cheio de armadilhas e equívocos. Tal como disse Culioli (2000, p.39), “a compreensão é um caso particular do mal-entendido”. Nesse caminho, inclui-se a tradução.

² Propriedades compartilhadas: *galhudos*, *gaiolos* e *estrelas* são bois; *acarás*, *piracanjuba* e *aviú*, por sua vez, são peixes; *piuns*, *maruins* e *muriçocas* são mosquitos. Propriedades diferenciadoras: os *galhudos* são bois, mas não são *estrelas*; os *estrelas* são bois, mas não são *galhudos*; e assim por diante. Os *acarás* são peixes tanto quanto os *piracanjubas* ou os *aviús*, mas os *acarás* não são nem *piracanjubas* nem *aviús*. Os *piuns* são mosquitos, mas não são nem *maruins* nem *muriçocas*, e vice-versa.

³ Termos omitidos: *gaiolos*, *estrelas*, *espácios*, *lompardos*, *cambraias*, *cornetos*, *chamurros*.

⁴ Note-se que foi o mesmo tradutor que traduziu *Macunaíma* e *Sagarana* para o francês. Tal particularidade não implica necessariamente, nos trechos analisados, uma unidade de estratégias; pelo contrário, elas são bastante distintas umas das outras.

⁵ Como, nesse caso, a tradutora utiliza a adaptação, não nos foi possível determinar qual das sete ocorrências em português foi omitida em inglês; o certo é que uma delas o foi, já que há apenas seis unidades traduzidas em inglês.

⁶ Se, no texto em português, a seqüência não estivesse pluralizada, o aspecto quantitativo seria sublinhado e o aspecto da diferenciação qualitativa não seria identificável.

⁷ O espaço da variável /e/ pode ser preenchido por quaisquer noções (*boiada*, *bøling*, *herd*, *mandria*, *troupeau*; peixe, *fisk*, *fish*, *pesce*, *poisson*; mosquito, *mygg/beist*; *mosquito*, *zanzare*, *moustique*).